

A MANUTENÇÃO DA DISCIPLINA NOS EXÉRCITOS ROMANOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DOS MANUAIS MILITARES DE FRONTINO E VEGÉCIO

Ana Teresa Marques Gonçalves*

Wendryll José Bento Tavares**

Recebido em: 25/05/2012 Aprovado em: 09/06/2012
--

Resumo: No presente artigo, procuramos fazer uma análise comparativa entre os manuais militares *Estratagemas* e *Compêndio da Arte Militar*, escritos respectivamente por Frontino (séculos I e II d.C.) e por Vegécio (séculos IV e V d.C.) Nesta análise, objetivamos encontrar referências que corroborem a hipótese de que havia uma tradição bélica, que ligava os diferentes autores de manuais militares gregos e romanos. Para tal, nos desdobramos sobre a forma como esses autores defendiam uma disciplina dentro do corpo militar romano e como essa disciplina se relacionava com outras características militares essenciais para os romanos.

Palavras-chave: História Militar; Império Romano; Manuais Militares; Vegécio; Frontino.

Na introdução da obra *Greek and Roman Military Writers*, Brian Campbell discorre sobre alguns elementos importantes para a análise dos manuais militares gregos e romanos. Ao pensar nos manuais militares de forma resumida, tal autor nos diz que “estes trabalhos eram em parte históricos, oferecendo guias gerais de valor moral e algumas informações de valor potencialmente prático e técnico, mas também eram em parte destinados a divertir e encantar a aristocracia” (CAMPBELL, 2004, p.17). Aos homens do século XXI, além do interesse prático e estético dos manuais militares, chama a atenção também para o fato de que “o gênero como um todo é típico de uma forma de pensar em sociedade sobre o papel do comandante, suas responsabilidades em batalha e talvez as qualidades de caráter essenciais para lidar com matérias de vida e morte” (CAMPBELL, 2004, p.17).

Por entendermos os limites que tal tipo de fonte nos possibilita e partindo da perspectiva de que existe uma tradição que liga os diversos manuais militares escritos por gregos e romanos, decidimos fazer neste artigo uma análise comparativa entre as obras *Estratagemas* de Frontino e *Compêndio da Arte Militar* de Vegécio¹. Por não

* Professora Associada de História Antiga e Medieval na Universidade Federal de Goiás. Doutora em História pela USP. Bolsista Produtividade II do CNPq.

** Mestrando em História (bolsista Capes) pela Universidade Federal de Goiás sob orientação da Professora Doutora Ana Teresa Marques Gonçalves. E-mail: historiawendryll@gmail.com.

podermos contemplar todos os aspectos que compõem as duas obras, optamos por analisar somente aspectos relacionados com a disciplina militar, pois isto nos parece de grande relevância para refletirmos sobre a continuidade de uma forma de pensar a organização militar entre os romanos. Nosso trajeto expositivo tem início com a apresentação das biografias e datações das obras analisadas, seguidas por alguns apontamentos teóricos sobre as obras específicas e sobre o gênero dos manuais militares como um todo para que cheguemos então à análise da disciplina como aspecto fundamental em ambas as obras comparadas na formação dos legionários romanos.

Grande parte do que sabemos da biografia de Vegécio resulta do que podemos inferir das obras escritas por ele: *Epitoma rei militaris* e os *Digesta Artis Mulomedicinae*. Seu nome de nascimento era provavelmente Publius Vegetius Renatus e durante sua vida conseguiu o título de *vir illustris*, que era “reservado aos detentores de altos cargos: prefeitos do pretório, prefeitos urbanos, mestres das milícias, condes domésticos, condes das sagradas liberalidades ou grandes camareiros” (MONTEIRO, 2009, p.89). Possivelmente, ele tenha sido também um *comes sacrarum largitionum*, ou seja, ocupava uma função pública oficial relacionada à administração das finanças imperiais, o que serviu para ajudá-lo a se familiarizar com questões militares, visto que integrava sua função a dispensa da *annona militaris* (SHRADER, 1981, p.168). Também sabemos que Vegécio era um criador de cavalos e que viajou bastante pelo território do Império, entrando em contato com diversas culturas e formas de recrutamento dos soldados.

Com relação à redação da obra, não há consenso sobre uma data precisa, mas sabe-se que o documento não pode ter sido escrito antes de 383² (ano do assassinato do Imperador Graciano), nem depois de 450 (ano em que uma cópia foi corrigida em Constantinopla por uma espécie de editor chamado Flávio Eutrópio) (MONTEIRO, 2009, p.92). A maioria dos autores reduziu o período de produção da obra a dois momentos específicos: o governo de Teodósio I (379-395) ou o de Valentiano III (425-455). Trabalhamos com a hipótese defendida por João Gouveia Monteiro de que a obra teria sido escrita no governo de Teodósio I, devido à referência indireta à batalha de Adrianópolis, a ausência de comentários ao saque de Roma, ao recrutamento de *coloni* e ao elogio da fundação de cidades feito por Vegécio (MONTEIRO, 2009, p.95).

Como comentamos anteriormente, a *Epitoma rei militaris* é um manual militar, nome advindo da própria estrutura tópica da obra e também da tradição romana de produzir manuais. Este tipo de fonte procura ensinar pelo relato do passado, contudo de

uma forma diferente do relato histórico. Seguindo as idéias dadas por Raul Vitor Rodrigues Peixoto, acreditamos que a relação que “o manual militar engendra com o passado é ativa e não passiva” (PEIXOTO, 2011, p.50). Os manuais militares tinham a intenção de recriar os feitos vitoriosos do passado e não “fazer o passado apenas conhecido, mas fazer o passado presente e útil para vencer novamente” (PEIXOTO, 2011, p.65).

Acreditamos, porém, que somente a definição de manual militar seja ineficiente para tratar da especificidade da obra. No mundo romano, a questão militar (*res militaris*) foi observada de duas perspectivas diferentes que mostravam faces distintas do objeto de ação. “A primeira se centrou no aspecto formativo e preceptivo, melhor dizendo, na *ars militaris* propriamente dita, enquanto que a segunda se centra na *disciplina militaris*” (PANIAGUA AGUIAR, 2010, p.205). Se na *ars militaris* devem ser levados em conta todos os elementos precisos para que ação militar seja bem sucedida – estratégia, tática, engenharia bélica, adestramento e exercício, formação militar, higiene – na *disciplina militaris* o que tem importância é a correta execução de ordens dadas pelas autoridades e a definição de um “código de comportamento na esfera militar que regula as relações entre os distintos membros e hierarquias militares” (PANIAGUA AGUIAR, 2010, p.206).

Além desta diferenciação em dois grandes grupos, David Paniagua Aguiar fornece também uma outra forma de classificação em subgêneros: poliorcética, engenharia militar, tática, coleções de estratagemas e logística (PANIAGUA AGUIAR, 2007, p.02). Dentro deste universo, a obra de Vegécio se situa no último grupo, pois o autor romano buscava refletir e tratar de todos os aspectos preparatórios para o conflito e também da intendência do exército³.

Neste universo dos aspectos preceptivos da guerra, o *Compêndio da Arte Militar* é composto de quatro livros dedicados ao Imperador, sendo o primeiro dedicado à seleção dos jovens, o segundo voltado a mostrar a tradição do antigo exército, o terceiro responsável por expor os tipos de artes necessárias ao combate terrestre (além de regras gerais da guerra) e o quarto engajado em enumerar máquinas para atacar e defender cidades, além de apresentar os preceitos da guerra naval (VEGÉCIO, **Compêndio da Arte Militar**. I). O objetivo de Vegécio é mostrar por intermédio de um trabalho diligente e fiel as matérias que estão dispersas em diversos autores⁴ e que ensinam a disciplina das armas em benefício dos romanos. Ou seja, ele busca fornecer elementos

que ajudem a modificar a estrutura do exército romano para torná-los mais combativos em seu tempo.

Sexto Júlio Frontino (35-104 d.C.) foi uma "figura proeminente no cenário político e cultural do último terço do século I d.C. Sua extensa e bem documentada carreira política e o prestígio de que gozou entre seus contemporâneos nos projeta uma imagem nítida de bem precisa de sua personalidade" (PANIAGUA AGUIAR, 2010, p.210). Este personagem se tornou célebre pela carreira política que seguiu, pois foi Cônsul, Pretor Urbano, Governador da Britânia (lutando e vencendo os Sílures), *Procursul Asiae* (depois de lutar com Domiciano na Germânia), *Curator Aquarum* e membro do Colégio dos Áugures. Além dos feitos políticos, Frontino é famoso pela produção de algumas obras que se tornaram célebres entre os próprios romanos, como o *De re militare* (que não nos chegou), o *De aqui surbis Romae* e a obra *Stratagemata*. Entre os subgêneros apresentados por David Paniagua Aguiar, a obra *Estratagemas* se encaixa no grupo da coleção de *estratagemas*.

Formalmente, a obra de Frontino está dividida em quatro livros que "tratam dos problemas recorrentes que um comandante militar enfrenta" (PEIXOTO, 2011, p.41). O mote dos capítulos são as situações a serem enfrentadas pelo comandante com a apresentação de trechos resumidos de ações praticadas por personagens famosos. No primeiro livro, Frontino orienta o comandante em relação a questões a tratar antes do combate, como: sobre esconder os planos de guerra, sobre descobrir as estratégias do inimigo, sobre determinar o caráter da guerra, sobre sufocar um motim de soldados e como não ceder a um pedido para entrar em combate num momento inoportuno (FRONTINO. **Estratagemas**. I, Introdução).

O segundo livro apresenta uma breve introdução e exemplos relativos aos fatos que acontecem durante e depois do combate, como por exemplo: sobre emboscadas, sobre esconder os reveses bélicos, sobre restaurar o moral da tropa pela firmeza de caráter, sobre terminar a guerra após um reencontro bem sucedido com os inimigos e sobre retirar as tropas dos campos de batalha após a vitória (FRONTINO. **Estratagemas**. II, Introdução). O terceiro livro trata das artimanhas relacionadas ao cerco e à defesa de cidades; as instruções estão relacionadas, por exemplo, aos ataques feitos de surpresa, às formas de enganar os sitiados, de simular retiradas, de enviar e receber mensagens durante os combates (FRONTINO. **Estratagemas**. III, Introdução). No último livro⁵, Frontino discorre sobre situações que são "mais exemplos da ciência militar em geral do que de *estratagemas*" (FRONTINO. **Estratagemas**. IV, Introdução).

Estes estão divididos em sete categorias, sendo algumas: sobre a disciplina, sobre o efeito da disciplina, sobre comedimento e desinteresse pessoal, sobre a justiça e sobre a determinação (FRONTINO. **Estratagemas**. IV, Introdução).

Apresentadas as obras, é necessário que avancemos para a próxima fase de nossa análise. O que intentamos de agora até o fim do presente artigo é corroborar a hipótese aventada por Raul Vitor Rodrigues Peixoto de que “existe uma determinada corrente de pensamento entre as aristocracias letradas romanas. Uma determinada forma de pensarem a si mesmos como comandantes” (PEIXOTO, 2011, p.16). Partindo do princípio de que tanto Vegécio quanto Frontino são membros de grupos aristocráticos que buscavam uma proximidade com o Imperador - enquanto Vegécio dedica a obra ao soberano, Frontino havia lutado ao lado de Domiciano – inferimos que os seus manuais militares (escritos em um intervalo de aproximadamente quatro séculos) possuem alguns elementos que se mantiveram estáveis neste grande intervalo temporal – embora muitos outros tenham mudado. A própria referência de Vegécio a Frontino (VEGÉCIO. **Compêndio da Arte Militar**. I, VIII) nos leva a crer que tais autores liam uns aos outros no momento de composição das obras. Escolhemos para a presente análise um elemento específico das duas narrativas, a representação da disciplina militar como elemento preponderante na formação e preparação dos homens em armas.

Dito isto, é preciso que se façam algumas considerações acerca do que seja a disciplina para o homem romano. Na obra *Soldiers and Ghosts*, John Lendon, ao estudar as práticas militares “gregas” e romanas, chega à conclusão de que para os romanos existiam quatro características militares essenciais: em primeiro lugar, havia o hábito romano do combate simples e a associação com a qualidade moral, *virtus*, coragem agressiva; opostamente a *virtus* estava a disciplina, que permitia aos comandantes um controle sobre os soldados; em terceiro lugar, havia uma grande influência do passado grego sobre os romanos; e por último, existia um grande apego dos romanos ao passado (LENDON, 2005, p.312-3).

Para o presente momento nos interessa inicialmente uma possível oposição entre *virtus* e *disciplina*. Para Lendon, o sucesso do exército romano se dava não pela predominância de uma característica sobre a outra, mas pelo equilíbrio entre ambas. Então, as virtudes não seriam opostas, mas complementares à formação do soldado, e deveriam ser expressas conjuntamente no momento do combate. A *virtus* permitia que os homens se colocassem em posição de batalha, mas a *disciplina* - entendida como algo imposto e sentido em seus diferentes elementos (obediência, treinamento e labor) -

é que tornava este exército mais competitivo. “O segredo do sucesso do exército romano não se assenta sobre essa matriz [*virtus*], nem no treinamento e disciplina somente, mas exatamente na mistura de *virtus* e disciplina” (LENDON, 2005, p.312).

Por estarmos pensando na produção de manuais militares, o balanço entre *virtus* e *disciplina* se dá na mobilização do passado como reservatório de *exempla*, sendo este passado não só romano como grego (terceira característica). Nos manuais, podemos averiguar a existência de uma ponte ativa entre passado e presente. A quarta característica militar romana nos leva a pensar que o leitor ao ter contato com o manual militar não desejava apenas se deliciar com aquele texto, mas como Brian Campbell defende, ele buscava guias práticos de conduta. Deste ponto de vista, julgamos ser incoerente pensar, por exemplo, o *Compêndio da Arte Militar* de Vegécio como um mero discurso nostálgico produzido num momento de crise. Em nossa opinião, o manual militar se configurava como uma forma de ensinar o exato balanço entre *virtus* e *disciplina*, através do apego pelo passado, um ensinamento por meio de *exempla*, para que os comandantes tivessem domínio de suas tropas antes, durante e depois das batalhas.

Após estas primeiras considerações de caráter mais geral, passemos para a análise das obras. Vegécio, logo no primeiro capítulo do primeiro livro de sua obra, aponta que o “povo romano submeteu todo o mundo por meio de nenhuma outra razão a não ser pelo treino das armas, pela disciplina dos acampamentos e pela experiência do exército” (VEGÉCIO. **Compêndio da Arte Militar**. I, I). Para Vegécio, os romanos eram inferiores em estatura aos germanos, estavam em menor número que os gauleses, possuíam menos força física que os hispanos e não tinham as manhas e riquezas dos africanos. Contudo,

*contra tudo isso foi útil escolher habilmente o recruta, foi útil ensinar as regras, para me exprimir assim, das armas foi útil fortificar pelo exercício diário, foi útil antecipar em trabalho de campo tudo o que pode acontecer na linha de batalha e nos combates e foi útil castigar severamente a negligência. Com efeito, o conhecimento da arte da guerra alimenta a audácia de lutar: ninguém receia fazer aquilo que acredita ter aprendido bem. E, na verdade, nas disputas bélicas, um reduzido número de homens exercitados está mais apto para a vitória, enquanto a multidão rude e inculta está sempre exposta ao massacre (VEGÉCIO. **Compêndio da Arte Militar**. I, I).*

A guerra é uma arte, ou seja, seus participantes tinham que deter e/ou desenvolver um conjunto de habilidades capazes de propiciarem a vitória. O termo *ars* em latim expressa o mesmo sentido do termo grego *thechné*, uma capacidade operacional que permite a realização de uma tarefa, uma técnica de ação. O domínio da arte permite o reconhecimento daquilo que é útil aos campos de batalha. Por isso, Vegécio destaca no seu relato o que é útil ensinar, o que é útil aprender, o que é útil escolher. O parâmetro da utilidade dá sentido às ações técnicas implementadas pelos soldados, permitindo que se gaste a força e a energia adequadas nos embates.

Desta forma, podemos perceber como a superioridade romana para Vegécio estava eminentemente ligada a fatores organizacionais, sendo a disciplina um dos principais. Frontino também exalta essa superioridade que se dava por elementos organizacionais:

Ao melhorar a disciplina, Domício Córbulo resistiu aos Partos com uma força de apenas duas legiões e poucos auxiliares.

Alexandre da Macedônia conquistou o mundo face às inumeráveis forças dos inimigos, beneficiando-se dos quarenta mil homens que tinham sido longa e exemplarmente disciplinados pelo seu pai, Filipe.

Na sua guerra contra os Persas, Ciro ultrapassou dificuldades incalculáveis com uma força de apenas catorze mil homens.

Com quatro mil homens, dos quais apenas quatrocentos eram cavaleiros, o tebano Epaminondas venceu um exército espartano de vinte e quatro mil e seiscentos cavaleiros.

Cem mil bárbaros foram derrotados em combate por catorze mil gregos, que ajudavam Ciro contra Artaxerxes.

Os mesmos catorze mil gregos, depois de perderem os seus generais em combate, regressaram à casa por regiões difíceis e desconhecidas, tendo confiado a chefia da sua retirada a um deles, o ateniense Xenofonte.

*Quando Xerxes foi desafiado pelos trezentos espartanos das Termópilas e teve a maior dificuldade em destruí-los, declarou que fora enganado, pois apesar de possuir um grande número de soldados, não tinha homens a sério, que aderissem à disciplina (FRONTINO. **Estratagemas**. IV, II).*

Assim, o número de homens disponíveis para uma contenda era menos importante do que sua preparação. Poucos homens bem formados superariam no campo de batalha muitos soldados despreparados, indisciplinados e, por isso, menos valorosos e combativos. Conhecer as técnicas de combate era fundamental para desenvolver a prática bélica.

Vegécio defende um modelo baseado no treino das armas, na disciplina dos acampamentos e na experiência do exército que retomava autores do passado (como

Frontino, Catão, o Censor, Cornélio Celso). Configurava-se no *Compêndio da Arte Militar* uma espécie de modelo romano de lutar que contrastava com a forma de outros povos lutarem. Em muitos aspectos os romanos eram inferiores aos outros povos, mas devido à tríade do sucesso militar romano se abria a possibilidade da vitória. Da mesma forma, na obra de Frontino, temos a superioridade romana (na medida em que são herdeiros dos gregos) sobre o bárbaro pela organização. Tratava-se da defesa de estereótipos que “eram desenvolvidos e mantidos (ou modificados) porque serviam a um propósito nas estratégias comunicativas e persuasivas daqueles que continuavam a empregá-los” (WOOLF, 2011, p.262). Apesar destes povos (Gauleses, Germanos, Hispanos, Africanos, Gregos e Persas) terem características que os diferenciavam dos romanos, pelo treino e pela assimilação da disciplina romana poderiam compartilhar do modo romano de lutar. Dois casos parecem-nos emblemáticos para se pensar na capacidade de assimilação do modo romano de lutar. O primeiro é relativo ao próprio Vegécio, que defende a disciplina romana mesmo sendo provavelmente de origem hispânica⁶, e o outro é o caso de Ciro (como aparece em *Estratagemas*), que apesar de não ser grego nem romano ter conseguido superar grandes dificuldades com um pequeno número de soldados. Frontino, Vegécio e os romanos em geral “consideravam que grupos particulares poderiam se tornar civilizados (ou barbarizados) no decorrer do tempo e que eles poderiam mudar suas instituições, hábitos e costumes como resultado de vários tipos de relações” (WOOLF, 2011, p.261).

Todo o processo de ensinar as regras do combate, praticar o uso das armas pelo exercício diário, antecipar pelo treinamento o que poderia acontecer em campo de batalha e castigar a negligência levava os soldados a se tornarem mais disciplinados. Apesar de a disciplina ser adquirida, na interpretação de Vegécio, algumas características faziam com que certos homens fossem mais aptos a promovê-la, por isso o ato de recrutamento revestia-se de uma importância fundamental na formação das legiões e dos corpos auxiliares.

A primeira característica se relacionava com as zonas de onde os recrutas deveriam ser escolhidos. Os jovens deveriam advir das regiões temperadas, pois a “abundância de sangue basta para desprezar os ferimentos e a morte, mas também aos quais não falte a *prudentia*, que não só conserva a disciplina no acampamento, mas que também não é de menos utilidade às decisões do combate” (VEGÉCIO. *Compêndio da Arte Militar*. I, II).

Ao escolher homens das cidades ou do campo, existe uma predileção por homens dos campos, pois naqueles locais:

*[o] povo se cria ao ar livre e no trabalho, suportando o sol e desprezando a sombra, desconhecedor dos banhos e ignorante dos prazeres, de espírito simples e satisfeito com pouco, com os membros endurecidos e capazes de tolerar todo o tipo de trabalho e para quem manejar o ferro, abrir um fosso ou carregar um fardo são hábitos da vida no campo (VEGÉCIO. **Compêndio da Arte Militar. I, III).***

Caso as circunstâncias fizessem com que se recrutassem jovens nas cidades era necessário que estes “devem aprender bem a trabalhar, a manobrar, a carregar pesos e suportar o sol e o pó, devem adoptar uma alimentação parca e simples e devem acampar ora ao ar livre, ora em tendas” (VEGÉCIO. **Compêndio da Arte Militar. I, III).** Essa vivência em meio a adversidades é que tornava o jovem mais disciplinado e mais preparado para receber o futuro treino das armas. Ao que parece neste ponto é que a disciplina se destacava, pois ela seria conquistada quando o recruta encarasse as próximas fases do treinamento. Além disso, a disciplina ajudaria a lutar contra a frugalidade e o luxo e tornaria possível a retomada dos grandes feitos dos homens da República e do Principado:

*Nem se deve negar que, depois da fundação da sua cidade, os Romanos dela sempre partiram para a guerra. Mas, nesse tempo, não estavam enfraquecidos por nenhuns prazeres, por nenhuns luxos; a juventude lavava o suor acumulado na corrida e nos exercícios de campo nadando no Tibre; ao mesmo tempo guerreira e agricultora, trocava somente de tipo de armas; de tal forma isto é verdade que se sabe que a ditadura foi oferecida a Quíncio Cincinato enquanto este lavrava (VEGÉCIO. **Compêndio da Arte Militar. I, III).***

Para Frontino, além dos estratagemas, o comedimento e o desinteresse pessoal, a justiça, a determinação (*constantia*), a boa vontade, a moderação e as diversas máximas e artifícios concorriam para que um exército alcançasse sucesso militar, paralelamente à disciplina. Sobre o comedimento e desinteresse pessoal (*continentia*), ele afirma;

*Reza a história que Marco Catão se contentava com o mesmo vinho que bebiam as suas tripulações.
Quando Cíneas, embaixador dos Epirotas, ofereceu a Fabrício uma grande quantidade de ouro, este rejeitou-a, declarando que preferia governar os que tinham ouro do que possuí-lo ele próprio.*

Atílio Régulo, apesar de ter dirigido os maiores empreendimentos, era tão pobre que obtinha o seu sustento – e o da mulher e dos filhos – a partir de uma pequena quinta, trabalhada apenas por um único servidor. À morte deste homem, Régulo escreveu ao Senado, solicitando que fosse substituído no comando, uma vez que a morte do seu escravo fazia perigar a propriedade, e que a sua presença em casa era necessária.

Depois dos seus sucessivos feitos na Hispânia, Gneu Cipião morreu na mais extrema miséria, sem sequer deixar dinheiro suficiente para um dote para as suas filhas. Consequentemente, por causa da sua pobreza, o Senado ofereceu-lhes dotes à custa do erário público.

Os Atenenses fizeram o mesmo pelas filhas de Aristides, que morreu na maior pobreza depois de ter chefiado os mais importantes projetos.

*O general tebano Epaminondas era um homem de hábitos tão simples, que quando morreu deixou apenas uma esteira e um único espeto (FRONTINO. **Estratagemas**. IV, III).*

Nestas passagens, vemos como os exemplos são elencados no documento de forma a sustentar a premissa de que o comedimento e a constância deveriam marcar o caráter dos grandes líderes militares. A natureza datava os homens de certas características próprias e particulares, mas cabia aos chefes perceber estes aspectos e providenciar que os homens por seu treinamento pudessem arrojarem seus instintos e aumentar suas virtudes. À conduta ilibada dos líderes militares deveria se unir o apreço à prática da justiça:

Estando Camilo a sitiarem os Faliscos, um mestre-escola levou os filhos dos Faliscos para fora das muralhas, como se fossem dar um passeio, e depois entregou-os a Camilo, dizendo que se ficassem como reféns, a cidade seria obrigada a obedecer às suas ordens. Mas Camilo não só rejeitou desdenhosamente a perfídia do professor, como lhe atou as mãos atrás das costas e o entregou aos rapazes para que o levassem a seus pais à chibatada. Foi assim que alcançou, pela bondade, uma vitória que desprezara obter através de uma fraude: em consequência deste ato de justiça, os Faliscos renderam-se voluntariamente.

*O médico de Pirro, rei dos Epirotas, abordou Fabrício, general dos romanos, e prometeu dar veneno a Pirro se lhe garantissem uma recompensa adequada pelo serviço. Fabrício, considerando que nenhum crime assim deveria valer a vitória, denunciou o médico ao rei. Através deste ato, conseguiu induzir Pirro a procurar a amizade dos Romanos (FRONTINO. **Estratagemas**. IV, IV).*

A guerra não é, assim, apresentada como o espaço do imponderável, mas como um fenômeno cívico a ser ordenado e como local de expressão de virtude. O justo deve imperar sobre o injusto; as práticas legítimas, sobre os excessos; a civilização sobre a barbárie. A natureza enquanto espaço de expressão e manifestação das divindades,

como *locus* sagrado por excelência, deveria conspirar para que os homens honestos vencessem as batalhas. O espaço militar, por sua vez, deveria ser ocupado antes de tudo pela expressão e manifestação das virtudes, o que tornaria a guerra justa e justificável perante os homens e os deuses.

A determinação seria outro elemento de grande importância para um exército vitorioso. Frontino enumera alguns exemplos:

Quando os soldados de Gneu Pompeu ameaçaram saquear o dinheiro que iria ser levado no triunfo, Servílio e Gláucia apelaram-lhe a que o distribuísse pelas tropas, para se evitar um motim. Mas Pompeu declarou que prescindiria do triunfo, e que preferia morrer do que ceder à insubordinação dos seus soldados. Depois de se lhes dirigir numa linguagem veemente, atirou-lhes à cara os fasces envoltos em louro, para que com eles pudessem dar início à pilhagem. Com esta demonstração de fúria, reduziu seus homens à obediência.

Durante a tumultuosa Guerra Civil, como os ânimos estavam particularmente exaltados, Gaio César desmobilizou uma legião inteira e decapitou os líderes do motim. Depois, quando os próprios homens que ele tinha desmobilizado lhe rogaram que os não deixasse em desgraça, aceitou-os de volta e eles revelaram-se os seus melhores soldados.

*O ex-Cônsul Postúmio apelou à coragem das suas tropas, que lhe perguntaram quais eram as suas ordens. Ele disse-lhes para o imitarem e, pegando num estandarte, avançou sobre o inimigo. Os soldados seguiram-no e alcançaram a vitória (FRONTINO. **Estratagemas**. IV, V).*

Deste modo, o comandante militar deveria ser fonte de inspiração para a conduta dos soldados. Suas ações virtuosas lhe dariam *dignitas*, reconhecimento público; esta lhe garantiria *potestas*, poder legítimo de comando; e esta por sua vez lhe forneceria *auctoritas*, a possibilidade de ordenar e de ser obedecido. Há assim a construção de uma moral, de uma ética, que permeia a ação militar para garantir a aplicação da justiça no âmbito bélico. Coragem, determinação e disciplina formariam um bom legionário. A união dessas diversas características em todos os soldados daria origem a um bom exército.

Segundo Vegécio, as qualidades militares teriam um caráter visual, na medida em que as características fundamentais para que um jovem fosse recrutado eram visíveis. Se fazia necessário que o soldado portasse a *virtus*: “portanto, devem ser rejeitados os menos úteis e devem ser escolhidos para o lugar deles os mais capazes. Na verdade, em todo o tipo de conflitos, não aproveita tanto a quantidade quanto a *virtus*”

(VEGÉCIO. *Compêndio da Arte Militar*. I, VII). Para o autor, existiam pré-requisitos físicos que o jovem deveria ter para que fosse recrutado:

os destinados ao trabalho de Marte (Martio operi) deveriam possuir: olhos vigilantes, cabeça erguida, peito largo, ombros musculosos, braços fortes, dedos bem longos, estômago pequeno, ancas bastante estreitas, pernas e pés despojados de gorduras e fortalecidos pela dureza dos músculos. Quando se reconhecerem estes sinais num recruta, não se deve procurar muito uma elevada estatura. Com efeito, é mais útil que os soldados sejam fortes do que altos (VEGÉCIO. **Compêndio da Arte Militar**. I, VI)

A natureza indicava seus escolhidos, mas cabia aos homens entender estes sinais e usá-los na arte da guerra. Sempre tendo como parâmetro o que era mais útil na batalha. As características físicas eram primordiais para o desenvolvimento da *virtus*, pois capacitavam o legionário para o exercício da coragem. Essa *virtus* dos futuros soldados deveria ser controlada pela disciplina para que a formação não se desfizesse em batalha. Escolhido o recruta se fazia necessário muito treino militar para o ganho e a manutenção da disciplina: marcha, corrida, salto, nado e a *armatura*⁷ são alguns exemplos tratados pelo autor. Além dos treinos, outro importante elemento de manutenção da disciplina se dava com as punições:

Além disso, a disciplina do treino militar foi conservada entre os nossos antepassados tão severamente que não só os mestres de armas eram remunerados com o dobro da anona, como também os soldados que tinham progredido pouco nesta aprendizagem eram obrigados a aceitar cevada em vez de trigo, e nem a anona lhes era restabelecida em trigo antes que tivessem mostrado, na presença do prefeito da legião, dos tribunos ou dos oficiais superiores, por meio de provas concretas, que eles preenchiam todos os requisitos exigidos pela arte militar (VEGÉCIO. **Compêndio da Arte Militar**. I, XIII).

Ao tratar das punições, importantes para a manutenção da hierarquia e da ordem nas fileiras, Frontino nos oferece uma vasta compilação de *exempla* interessantes para se pensar em como a falta de disciplina deveria ser tratada antes, durante e depois da batalha. Analisemos alguns deles:

Depois de o exército romano que sitiava Numância ficar desmoralizado devido ao desleixo dos anteriores comandantes, Públio Cipião revitalizou-o mandando embora um número enorme de não combatentes,

*e instilando nos soldados um sentido de responsabilidade através de uma rotina diária. Durante as frequentes marchas que os mandava executar, ordenava-lhes que transportassem rações para vários dias, e fê-los marchar em condições que os habituariam ao frio, à chuva e a atravessar rios. Muitas vezes o general os censurou por serem tímidos e indolentes; muitas vezes partiu utensílios que apenas serviam para os seus prazeres e eram completamente desnecessários numa campanha. Um caso notável desta severidade passou-se com o tribuno Gaio Mémio, a quem Cipião terá exclamado: “Para mim, apenas serás inútil durante algum tempo; para ti e para o Estado, sê-lo-ás para sempre”. Durante a Guerra Jugurtina, depois de a disciplina se ter igualmente degradado, Quinto Metelo restaurou-a com uma severidade semelhante, e proibiu os soldados de comerem carne exceto se assada ou cozida (FRONTINO. **Estratagemas**. IV, I).*

Note-se como as maiores punições dizem respeito à distribuição da comida. Era necessário manter o corpo viril e disposto para a batalha e sem alimentos tal tarefa se tornava mais difícil de ser implementada. As penas deveriam ser adequadas aos crimes e serem antes de tudo exemplares. A própria punição auxiliava na manutenção da disciplina e concorria para que os soldados se mantivessem alertas e motivados. Interessante destacar, por exemplo, a informação de que Metelo só permitiu aos soldados o consumo de carnes cozidas ou assadas. A carne crua poderia trazer moléstias, visto que o cozimento a tornaria mais segura para consumo. Além disso, o consumo de carne crua era sinal de barbárie e os exércitos romanos deveriam ser fonte de civilização.

Onde estava o exército romano, podia-se encontrar Roma em ação. Desta maneira, seus integrantes deveriam manter os costumes culturais romanos, colocando por exemplo o amor à pátria acima do amor filial, como indica mais uma vez a ação de Metelo:

[...]Uma vez, o espartano Lisandro chicoteou um soldado que saíra das fileiras durante uma marcha. Quando o homem lhe disse que não abandonara a formação para pilhar, Lisandro retorquiu: “Mas eu também não quero que dê essa impressão”. Antígono, ao saber que o seu filho se alojara em casa de uma mulher que tinha três lindas filhas, disse: “Ouvi dizer que os teus alojamentos são muito pouco espaçosos, por causa de tantas governantas que tens em tua casa. Muda-te para uma habitação mais ampla”. Depois de mandar o filho mudar-se, emitiu um édito decretando que ninguém com menos de cinquenta anos de idade se deveria alojar em casa de uma mãe de família.

Embora a lei não proibisse o Cônsul Quinto Metelo de ter o seu filho como companheiro de tenda, ele preferia vê-lo servir nas fileiras.

[...] Marco Escauro proibiu o filho de se apresentar na sua presença, por ter retirado face ao inimigo no desfiladeiro Tridentino. Esmagado pela vergonha desta desgraça, o jovem suicidou-se.

*[...] O general espartano Clearco costumava dizer às suas tropas que deveriam ter mais medo do seu comandante do que do inimigo, querendo com isto dizer que a morte que recebavam em combate era duvidosa, mas uma execução por deserção seria garantida (FRONTINO. **Estratagemas. IV, II).***

Os soldados deveriam ser constantemente lembrados do que representavam. Efetivou-se, deste modo, uma moral militar, uma ética condizente com a ação dos legionários. Antes de tudo eram representantes da força romana e como tais deveriam dar exemplo dos *mores maiorum*, dos costumes dos ancestrais, que baseavam a construção de uma tradição militar, que perpassou a produção de todos os manuais latinos. Evitar o luxo, o excesso, a desmedida eram atos condizentes com a rotina dos fortes e acampamentos. O espaço militar deveria ser estável, organizado, ordenado, hierarquizado e culturalmente forjado. Mesmo sendo ocupado por homens de origens tão diversas e formas de educação tão múltiplas, o exército exigia uma homogeneização de interesses: a busca da vitória e, com ela, a preponderância de Roma sobre os povos conquistados e o controle sobre o território inserido no *limes*. O exército integrava os homens e criava um *corpus* de combatentes que deveriam compartilhar noções básicas de sobrevivência, ordenação e disciplina, da mesma maneira que levava aspectos culturais romanos aos povos conquistados e às fronteiras mais longínquas.

Todos os elementos retratados acima concorriam para a formação de um corpo militar sólido nas concepções de Frontino e Vegécio. Nos manuais militares ficavam evidentes todas as características que Lendon definia como essenciais para a forma como os romanos concebiam a guerra: o equilíbrio entre *virtus* e disciplina, a herança grega e o profundo apego pelo passado. A disciplina em nossa leitura é encarada como fator principal da superioridade bélica romana diante de Gauleses, Germanos, Hispanos, Africanos e Persas para os autores. Havia também outros adjetivos fundamentais que os militares deveriam possuir, como comedimento, desinteresse pessoal, determinação (*constantia*) e boa vontade, além da *virtus* expressa fisicamente. As qualidades dos soldados deveriam ser usadas para que com obediência, treinamento e labor a formação não se desfizesse em batalha e o uso das punições deveria ser constante em caso de desobediência para que o exército não perdesse sua unidade. Tais características

formam, em nosso entender, um ponto de confluência entre as obras *Estratagemas* de Frontino e *Compêndio da Arte Militar* de Vegécio, muito além dos aspectos meramente formais em comum entre elas. Muitas diferenças existem entre as duas obras escritas em períodos temporais tão distantes, mas tais semelhanças nos permitem aventar a existência de uma continuidade dentro da tradição militar romana, no que se refere à constituição de uma moral que implicava na necessidade de se manter a disciplina dos soldados como forma de garantir as vitórias bélicas dos romanos.

THE MAINTENANCE OF THE DISCIPLINE IN THE ROMAN ARMIES: AN COMPARATIVE ANALYSIS OF THE MILITARY MANUALS FROM FRONTINUS AND VEGETIUS

Abstract: *In the presente article we seek to make an comparative analysis among the military manuals Stratagemas and Roman Military Institutions, written respectively by Frontinus (centuries I and II A. D) and by Vegetius (centuries IV and V A.D). In this analysis we are interested in find references that corroborating the hypothesis of a belic tradition that united the different military manuals greek and romans writers. For this, we care about the way that the writers defended the discipline inside the roman military body and how this discipline was related with others roman characteristics essentials.*

Keywords: *Military History; Roman Empire; Military Manuals; Vegetius; Frontinus*

Documentação Escrita

FRONTINO. *Estratagemas*. Trad. Miguel Mata. Lisboa: Sílabo, 2005.

FRONTINO. *The Stratagemas and The Aqueducts of Rome*. Trad. Charles E. Bennet. Harvard: University Press, 1914 (LOEB, V. 174).

VEGÉCIO. *Epitoma Rei Militaris*. Trad. M. D. Reeve. Oxford: Clarendon Press, 2004.

VEGÉCIO. *Compêndio da Arte Militar*. Trad. J.G. MONTEIRO e J. E. BRAGA. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

VEGÉCIO. *Epitome of Military Science*. Trad. N. P. Milner. Liverpool: University Press, 1996.

Referências Bibliográficas

FERRILL, Arther. *A Queda do Império Romano: a Explicação Militar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

GIACOMONI, Marcello Paniz. *Ecos de uma tradição: a ideia de decadência na obra Epitoma Rei Militares, de Flavius Vegetius Renatus*. 2011. 170f. Dissertação de

Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GOLDSWORTHY, Adrian. **El ejército romano**. Madrid: Akal, 2007.

_____. **Roman Warfare**. Phoenix: Orion Books, 2007.

_____. **No início: de chefe e herói a político e general**. In: _____. *Generais romanos: os homens que construíram o Império Romano*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009. p.15-36.

GRANT, Michael. **Roma: A Queda do Império**. Lisboa: Presença, 2009.

HANSON, V. D. Introduction: Makers of Ancient Strategy. In: HANSON, V. D. (org.). **Makers of Ancient Strategy: From the Persian Wars to the Fall of Rome**. Princeton: Princeton University Press, 2010. p.01-10.

_____. The Modern History of Ancient Warfare. In: SABIN, P.; WESS, V. W.; WHITBY, M. (Ed.) **The Cambridge History of Greek and Roman Warfare**. Cambridge: University Press, 2007. p. 3-21.

_____. Hoplite Obliteration: The Case of the Town of Thespiiai. In: CARMAN, J.; HARDING, A. (Ed.). **A Ancient Warfare**. UK: Sutton, 2005. p. 203-218.

LONDON, J. E. **Empire of Honour**. Oxford: University Press, 2000.

_____. **Soldiers and Ghosts. A history of battle in classical antiquity**. New Heaven and London: Yale University Press, 2005.

LIEBESCHUETZ, Wolfgang. The end of the Roman army in the western empire. In: RICH, J; SHIPLEY, G. **War and Society in the Roman World**. Londres: Routledge, 2002. p.265-76.

MAZZARINO, Santo. **O Fim do Mundo Antigo**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PANIAGUA AGUIAR, David. “Escribir Polemologia em Roma”. **El Futuro del Pasado**. Salamanca, v.01, n°01, p.203-21, 2010.

_____. La arenga militar desde la perspectiva de la tradición polemológica greco-latina. **Talia Dixit 2**. Madrid, v.2, p. 1-25, 2007.

PEIXOTO, Raul Vitor Rodrigues. **As Obras de Polieno e Frontino: Proposta de uma Tipologia dos Manuais Militares Romanos no Principado**. 2011. 206f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

RICHARDOT, Phillipe. **La Fin de l’Armée Romaine (284-476)**. Paris: Economica, 2002.

____. **Végècet la Culture Militaire au Moyen Age (V-XV siècles)**. Paris: Economica, 1998.

SHRADER, Charles R. The Influence of Vegetius' De re militari. **Military Affairs**. London, v.45, n.4, p.167-72, 1981.

VARANDAS, José. O Hoplita e a Falange. O Triunfo da Infantaria Simétrica no Mundo Antigo. In: SANTOS, A. R dos; VARANDAS, J. A **Guerra na Antiguidade III**. Lisboa: Caleidoscópio, 2010. p.32-69.

WARD-PERKINS, Bryan. **The Fall of Rome: and the End of Civilization**. Nova York: Oxford, 2005.

WOOLF, Greg. Saving the Barbarian. In: GRUEN, Erich S. (Org.). **Cultural Identity in the Ancient Mediterranean**. Los Angeles: Getty Research Institute, 2011. p 255-71.

Notas

¹ Chamamos a obra *Epitoma Rei Militaris* de Vegécio pelo nome de *Compêndio da Arte Militar*, utilizado na tradução de João Gouvêia Monteiro (2009) e a obra *Stratagemata* de Frontino pelo nome traduzido de *Estratagemas*, utilizado por Miguel Mata (2005).

² Todas as datas que usamos no presente artigo se referem ao período posterior ao nascimento de Cristo.

³ Na Dissertação de Mestrado intitulada "Ecos de uma tradição: a ideia de decadência na obra *Epitoma Rei Militaris*, de *Flavius Vegetius Renatus*", Marcello Paniz Giacomoni situa Vegécio em três estruturas literárias: retórica antiga, polemologia e o grupo dos compêndios e epítomes.

⁴ Vegécio cita diretamente o nome de Frontino em sua obra: "Esta necessidade obrigou-me, consultados os autores, a dizer o mais fielmente possível neste opúsculo aquelas coisas que o célebre Catão, o Censor escreveu sobre o sistema militar, aquilo que Cornélio Celso e Frontino pensaram que devia ser exposto, aquilo que Paterno, um defensor zelosíssimo do direito militar, redigiu em livros, aquilo que foi estabelecido pelas constituições de Augusto, de Trajano e de Adriano" (VEGÉCIO. **Compêndio da Arte Militar**. I, VIII).

⁵ No presente trabalho, demos prioridade à análise do livro I do *Compêndio da Arte Militar* que trata da seleção e treinamento dos recrutas e do livro IV da obra *Estratagemas*.

⁶ Não estamos colocando em discussão no momento questões relativas à concessão e/ou obtenção da cidadania romana nos séculos IV e V.

⁷ Segundo Vegécio: "[...] o recruta deve ser acostumado naquele gênero de exercício a que chamam *armatura*, o qual é transmitido pelos *campidoctores*; trata-se de um costume que, em parte, ainda se conserva. Na verdade, é sabido que, mesmo agora, os soldados instruídos na *armatura* lutam melhor do que os restantes em todos os combates. O que permite perceber como é melhor o soldado treinado do que o não treinado, visto que, por pouco instruídos que sejam na prática da *armatura*, são superiores aos seus restantes camaradas na arte de combater" (VEGÉCIO. **Compêndio da Arte Militar**. I, XIII).